

tava e mais o arrastava à inquietação dos seus anseios tipicamente baudelairianos. Dominava-o, realmente, “preocupação intensa e quase mórbida por tudo o que excede os limites da vulgaridade” — expressão, esta, de Antônio Sales, que também escreveu: “Pagando, porém, tributo à sentimentalidade da raça, ele conservava uma ingenuidade de criança e uma afetividade de moça, e é desse subconsciente moral que lhe vinham as notas líricas do seu estro, onde o pensamento filosófico se alia tão estreitamente aos sentimentos passionais”. Apesar da sua pobreza de dinheiro, conseguia adquirir livros e apercebe-se de apreciável cultura clássica, que o seu prematuro desaparecimento não deixaria se definisse em orientação mais segura, menos amorfa. Com efeito, antes de completar os 23 anos de idade, tombou assassinado em pleno coração da cidade — a Praça do Ferreira, à noite de 22 de junho de 1921. A sua morte assim trágica alvoroçou a emocional solidariedade dos seus amigos intelectuais, que reuniram no livro *Coroa de Rosas e de Espinhos*, 1922, algumas das suas poesias, porquanto a maior parte delas ele não as conservava senão na memória, e fizeram-no Patrono desta Academia Cearense de Letras, quando da reconstituição desta, no ano seguinte ao do seu falecimento. Deixou publicada a bela conferência — *A Eterna Emotividade Helênica*, 1919.

1º OCUPANTE

JÚLIO Barbosa MACIEL. Nasceu em Baturité, no dia 28 de abril de 1888. Filho de Raimundo Ferreira Maciel e Emília Barbosa Maciel. Fez os primeiros estudos em Fortaleza, no Colégio Colombo e no Liceu do Ceará. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi Promotor Público de Senador Pompeu, Quixeramobim, Baturité e Crato; Juiz Municipal de Caririçu e Cedro; Juiz de Direito de Assaré, Icó, Russas e Granja. Versejador de delicada imaginação lírica, às vezes um tanto triste, de estilo de graciosa naturalidade e de forma legitimamente parnasiana. Dir-se-ia um distanciado do espírito febricitante do século atual, como que permanecendo,

como já foi dito, na contemplação de um crepúsculo, defrontando os últimos raios cor-de-rosa estertorantes de sua geração, enquanto a geração nova, caminhando dentro da noite, verá primeiro o dia. Começou as atividades literárias no Grêmio Barbosa de Freitas, fundado em 1902. Aos quinze anos de idade já apresentava bons versos na revista *31 de Agosto*, do citado Grêmio e, depois, na *Fortaleza*, de que foram criadores principais Joaquim Pimenta e Raul Uchoa (1906). Aí, publicou sonetos como “O Relógio” e “Ressurreição”, os quais, algo modificados, incorporou ao livro de estréia *Terra Mártir*, 1918, 2ª ed. 1937, bem como “Os Grous”, saído, posteriormente, em *Poemas da Solidão*, 1943. Noutra revista de Joaquim Pimenta — *Terra da Luz* (1908) também colaborou: achase nas páginas desta o seu talvez melhor soneto — “Jacarecanga”, como aqueles dois primeiros incluídos em *Terra Mártir*. Usou os pseudônimos — Rubens da Maia e Lúcio Várzea. Em afirmação incontestável, Cruz Filho qualifica-o “um dos maiores poetas contemporâneos do Ceará, que prima pela correção da linguagem e pelo vigor da inspiração.” Além dos livros aludidos, deu à lume: *Os Versos de Ouro de Pitágoras*, 1925, 2ª ed. 1956, e *ABC do Padre Cícero*, 1944. Faleceu em Fortaleza a 8 de abril de 1967.

OCUPANTE ATUAL

JOÃO JACQUES Ferreira Lopes. Nasceu no dia 27 de janeiro de 1910, em Fortaleza. Filho de Henrique Jorge Ferreira Lopes e Júlia Magalhães Jorge. Aprendeu as letras primárias em escola particular, no Externato São Rafael, anexo ao Colégio da Imaculada Conceição, e no Colégio Nogueira. Começou o secundário no Colégio São Luís, do prof. Meneses Pimentel, e terminou-o no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Fez no Liceu do Ceará o chamado Curso Elefante. Trabalhou em empresas comerciais e na Rede de Viação Cearense. Foi Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (1951-1954). É funcionário do Estado e exerceu as funções de Chefe do Gabinete da Presidência do Banco